

CORPO, DANÇA E FEMINILIDADE NA DÉCADA DE 30

Elisângela Chaves

*Professora do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer
Universidade Federal de Minas Gerais- UFMG .
elischaves@hotmail.com*

RESUMO

O objetivo deste trabalho foi problematizar o ensino da dança em suas perspectivas educacionais no que tange aos processos de socialização e apreensão de conhecimentos integrados à incorporação e à produção de uma cultura corporal femininana história da primeira escola de dança de Minas Gerais, criada em 1934, em Belo Horizonte. As fontes reunidas para esta pesquisa histórica foi a produção da imprensa local do período: revistas com grande circulação (*Revista Alterosa, Revista do Ensino de Minas Gerais*), jornais e acervos pessoais. A ambiência do período, os discursos e ideários em circulação sobre a educação feminina, a educação do corpo e o ensino da dança possibilitou uma leitura de motivações para a instauração de uma dada feminilidade. Assim, em relação à capital mineira, percebemos que a dança e feminilidade se combinaram desde as primeiras iniciativas de sistematização desta prática.

Palavras-chave: corpo feminino, ensino de dança, história da dança

ABSTRACT

The aim of this work was to discuss the teaching of dance in its educational perspectives regarding the processes of socialization and apprehension of knowledge integrated to the incorporation and production of a female body culture in the history of the first dance school of Minas Gerais, created in 1934, in Belo Horizonte. The sources gathered for this historical research were the production of the local press of the period: magazines with large circulation (*Alterosa Magazine, Minas Gerais Teaching Magazine*), newspapers and personal collections. The ambience of the period, the discourses and ideas in circulation about female education, body education and dance teaching made it possible to read motivations for the establishment of a given femininity. Thus, regarding the capital of Minas Gerais, we realize that dance and femininity have been combined since the first initiatives to systematize this practice.

Keyword: female body, dance teaching, dance history

Apresentação

A dança como produção da cultura humana é uma expressão de manifestações múltiplas, que exprime códigos de identidade, de postura, de significados no tempo e no espaço que exigem um processo de aprendizagem do corpo para sua representação seja social, artística, folclórica ou ritualística. Perseguindo os porquês da predominância de meninas nas escolas de dança, busquei na história da primeira escola de dança de Minas Gerais, criada em Belo Horizonte, indícios para me aproximar desta construção histórica.

A hipótese que persegui é de que a professora Natália Lessa, criadora desta primeira escola em 1934, através de seu trabalho, fomentou uma representação social na cidade de Belo Horizonte, a partir da dança como uma prática corporal adequada para educar em uma dada direção a feminilidade a ser apropriada pela juventude moderna. Natália Lessa foi uma referência na dança belorizontina e é recorrente a vinculação de seu trabalho a notícias sobre a história da dança em Minas Gerais.

O objetivo foi problematizar o ensino da dança em suas perspectivas educacionais no que tange aos processos de socialização e apreensão de conhecimentos integrados à incorporação e à produção de uma cultura corporal feminina, a dança.

As fontes reunidas para esta pesquisa histórica foram identificadas e selecionadas a partir do debate de Carlo Ginzburg (1989) e de sua discussão sobre o paradigma indiciário. Foram analisados os conteúdos da produção da imprensa local do período: Revistas locais com grande circulação, com abordagem da vida social e cultural de Belo Horizonte e Minas Gerais (*Revista Alterosa*, *Revista do Ensino de Minas Gerais*), jornais locais, além de acervos pessoais da família e de alunas como: programas de festivais, lembranças pessoais, fotografias. O contexto histórico e cultural no qual viveram as alunas, a professora e a sociedade no recorte deste estudo compõem cenas na cidade que, apesar das porosidades, nos suscitam um rico conjunto de significados para formação feminina no período. Estas fontes possibilitaram a identificação de indícios dos ideários em circulação e suas relações com as propostas de ensino da dança para meninas nesta ambiência.

Feminilidade e anos 30 em Belo Horizonte

O intuito de captar a feminilidade ou um ideal de feminilidade no recorte desta pesquisa, na cidade de Belo Horizonte, exige em primeira instância a percepção de que falamos no plural, ou seja, feminilidades. As cenas de mudança na cidade têm nas primeiras décadas do século XX a tensão entre a

tradição e as intenções do moderno como multiplicador de pensamentos, condutas, atitudes. A feminilidade é uma construção datada, fato a que se atenta este texto, com o intuito de caracterizar dentro do recorte da pesquisa ideias, prescrições e exposições em circulação na capital mineira, ambiência em que Natália Lessa viveu quase que integralmente seus 78 anos de vida. Um espaço de tempo que com certeza lhe possibilitou o convívio com feminilidades¹. Há um apelo moral nas mudanças de conduta social da mulher. Nas sociedades que viveram tempos de industrialização acelerada e multiplicação de espaços públicos foram demandados novos postos de trabalho, novas sociabilidades femininas, como ocorreu na Europa, nos Estados Unidos, e mais tardiamente no Brasil. Situações nas quais as mulheres passaram a fazer parte dos processos de produção e a se apresentar diferentemente das gerações passadas.

A vida social da mulher ao longo da história tem sido temática de intensas abordagens. Estudos clássicos como os de Vigarello (2006), Del Priore (2002), Perrot (1992), Rago (1985), dentre outros, resgatam o complexo processo de apropriação dos espaços públicos pelas mulheres, como um ponto de tensão no qual ao mesmo tempo em que aconteciam algumas emancipações, eram desencadeados discursos oriundos de diferentes campos de saber em defesa das restrições ao sexo feminino, pela manutenção de diferenças, exaltação de limitações e reforço da responsabilidade familiar junto ao casamento e a criação dos filhos.

O papel da mulher na sociedade passava por revoluções influenciadas pelos hábitos modernos incorporados dos países europeus, principalmente da França, dos quais a formação cultural feminina também recebeu estímulo. Como apresenta Silvana Goellner (1999), em sua tese, o desejo feminino deveria se resumir em: Ser Bela, Maternal e Feminina. E esta feminilidade foi subsidiada por uma estética corporal a ser aprendida. Há, nas primeiras décadas do século XX, um terreno nebuloso que legitima novos territórios femininos na sociedade moderna, mas que adverte também a todo tempo sobre os perigos e riscos deste processo em prol do equilíbrio social dependente da mulher progenitora e

¹ Em relação às mudanças de concepções do comportamento e representação da feminilidade ver: DEL PRIORE, Mary, 1997 e 2000; JACOBIA, Eloá e KÜHNER, Maria Helena, 1998; LOURO, Guacira Lopes, 1997; DUBY, Georges e PERROT, Michelle, 1991; MALUF, Marina e MOTT, Maria L. (1998).

educadora. Apelos à educação feminina advertiam do perigo de se valorizar mais o intelecto e a beleza do que a humildade espiritual².

Na *Revista Bello Horizonte*, em 1934, com a denominação de Regina Rizieri, a autora³ do texto aconselha, num artigo, sobre “A mulher e o amor”:

A mulher intellectualmente superior, a mulher de vasta intelligencia e alta cultura, é admirada, estimada, mas rarissimas vezes amada. E quando é amada, nunca o é por esses predicados, pois o amor está ligado ao sentimento e não ao intellecto. (REVISTA BELLO HORIZONTE, ano I, n. 29, junho, 1934, p. 16).

Nesse sentido, há de se questionar como Natália Lessa, que não se casou e tornou-se independente financeiramente, morando sozinha e cuidando dos irmãos, sem uma referência masculina para guiar seus passos, destacou-se profissionalmente na tradicional capital mineira? E ainda, recebeu positivamente, principalmente das elites locais, a credibilidade de ser uma educadora para suas filhas? Uma mestra bem sucedida, disseminadora de uma feminilidade, não necessariamente compatível com a dela, não deveria levantar suspeitas? Uma mulher que triunfou ela própria, inspirando vitórias a ela mesma seria um exemplo para as futuras mulheres da capital mineira?

Corpos e danças para uma feminilidade

Como argumenta Courtine (2008), o século XX inventou teoricamente o corpo; ele foi ligado ao inconsciente, amarrado ao sujeito e inserido nas formas sociais da cultura. Há uma emergência, uma mutação do olhar sobre o corpo, perspectivas nunca antes captadas pela história, que se depara com transformações de grandeza e profundidade. Educá-lo tornou-se imperativo para os códigos de civilidade e educação. Como cita Silvana Goellner, há uma centralidade na “(...) valorização do corpo esteticamente belo e do aperfeiçoamento físico de corpos saudáveis e aptos, capazes de enfrentar os desafios da vida modernizada.” (GOELLNER, 2003, p.17). Os exercícios físicos deveriam ser praticados com vistas à higiene e à estética do corpo. Adquirir boa saúde era imperioso para um

²Apesar de ser uma publicação da década de 40, cabe a reflexão do contexto: “A mulher do nosso tempo, a mulher do século XX, deve ser saudável e enérgica, desenvolvendo suas faculdades intelectuais, aprimorando a sua resistência e sua beleza corporal, mas nunca se esquecendo de que, sem o Espírito, ela nada vale.” (SALGADO, 1946, p. 100).

³No período ainda era comum que escritores homens usassem nomes fictícios, inclusive de mulheres e que mulheres tivessem grande dificuldade para conseguir publicar seus textos.

momento tão marcado por epidemias e doenças. A prática dos exercícios físicos era necessária desde a infância para a constituição de cidadãos esbeltos.

O período é permeado por ambiguidades; a mulher já podia vivenciar socialmente outras formas de comportamento não mais restritas ao lar. Trabalhar fora, vivenciar a cidade. Uma intensa alteração de hábitos e comportamentos já havia se iniciado e outras concepções de feminilidade também. Corporalmente as meninas e mulheres passam a ocupar espaços públicos. Tensões sobre a vida social da mulher são expostas principalmente no que diz respeito à sua dedicação ao ideal de beleza e sua inserção no mercado de trabalho. Essas demandas do papel social da mulher oriundas das elites desencadeiam uma tensão entre o conservadorismo das tradições com a manutenção do controle masculino e a emergência da apropriação das modernidades. Demarcar os limites da expansão feminina era também uma reação em defesa conservadora do núcleo familiar. Ao identificar a oferta de serviços e produtos e as possibilidades de trabalho e divertimento, a vida privada de dentro dos lares, em total submissão ao marido, passava a ficar cada vez mais dessintonizada da efervescência da vida pública, onde a mulher, agora, também fazia parte da cena e deveria perante a sociedade moderna saber se postar, se sociabilizar, integrar-se mantendo um equilíbrio entre a publicização e o recato de sua feminilidade corporal. Para Silvana Goellner,

se as imagens da mulher frágil e da indolente não são úteis ao projeto de modernização nacional, também não são as da libertina, da prostituta e da mulher sem par e sem filhos, visto que colocam em suspeição um ideal feminino de existir, em que a audácia anda ao lado da compreensão e da delicadeza, o trabalho fora de casa concilia-se com as tarefas domésticas e a educação dos filhos e as recomendações direcionadas para seu corpo estão ligadas a sua preparação para o trabalho e para procriação. (GOELLNER, 2003, p. 143-144).

Não por acaso, a “dita” preparação das mulheres para o trabalho precisa ser olhada com cautela, como nos alerta Guacira Louro (2001). Quem eram as mulheres que deveriam trabalhar e em que trabalhos? As demandas industriais eram sempre exploratórias; salários mais baixos do que o dos homens, pelo mesmo tempo e serviço, ou ainda outros serviços já tradicionais entre as mulheres como as costureiras, as babás, as empregadas domésticas. Essas mulheres, pertencentes às classes economicamente desfavorecidas, ainda mantinham todas as atribuições domésticas, que ficavam ao encargo da progenitora, assim como os cuidados com os filhos⁴.

⁴ Plínio Salgado (1946, p. 96-97), em sua obra *A mulher do século XX*, anuncia: “O que pretendemos é lembrar a mulher que a sociedade capitalista, baseada no liberalismo econômico, essa sociedade sem alma, desencadeia a concorrência em detrimento dos pobres e transforma o trabalho humano em mercadoria sujeita à lei da oferta e da procura, utiliza-se dela, a mulher, como instrumento de exploração das massas obreiras, submetendo-a a salários incapazes da manutenção

Pensando a trajetória de Natália Lessa, ela estava em uma das opções mais valorizadas para a mulher trabalhadora de seu tempo, o magistério. Incorporado, quase que como uma extensão pública dos papéis domésticos historicamente realizados pelas mulheres, em especial o de ser mãe, era a mais adequada opção profissional para as mulheres. Simbolicamente, os alunos se tornavam outros filhos de sua prole ou aqueles que ela ainda viria a ter (CAMPOS, 2009). E os filhos que não teve? A professora sem filhos teria maior dedicação à educação de seus alunos para suprir essa lacuna de sua vida? Ou estaria ela menos apta a educar por não viver plenamente sua feminilidade? Não foram identificados vínculos entre o nome de Natália Lessa e os movimentos artísticos de contestação de espaços, de modernização da arte, de confraternização de artistas da capital. Ela não declarou aos seus familiares ter relações amorosas. A publicidade em torno de seu nome, noticiada nas Revistas e Jornais, é sempre em referência à educadora de confiabilidade e de reconhecida competência para seu trabalho

Mas a vida feminina nessa primeira metade do século XX, intensamente infiltrada por discursos ao mesmo tempo moralistas e progressistas, tinha nos meios de comunicação como as revistas femininas, os jornais, o rádio e a televisão um propulsor de informações. Com programas femininos e uma infinidade de orientações e informações sobre as quais as gerações passadas não podiam sonhar em saber ou debater, eram postas em circulação temáticas de auto-afirmação da mulher na sociedade que primavam principalmente pelos cuidados consigo própria e com a família⁵. A mulher na cena pública, devia ser bela, elegante, mas sem exageros, vulgaridades e sem nunca perder de vista sua principal função: seu lar, marido e filhos. As revistas e jornais traziam artigos sobre o casamento, a criação dos filhos e muitas histórias, trechos literários de fundo moral ou romântico. Se em algumas páginas a orientação era arrumar a casa e ficar bela e calma para a chegada do marido, em outras o incentivo era modernize-se, seja independente, viva sua vida.

A *Revista do Ensino de Minas Gerais*, por exemplo, apresenta várias fotografias expondo apresentações de danças e bailados de diferentes localidades do Estado. No período em análise, na cidade de Belo Horizonte, a dança estava presente na sociedade vinculada ao lazer, aos ritos

da subsistência (...). Animar, portanto, a luta entre a mulher e o homem no mercado de trabalho é favorecer o capitalismo sem alma e, ao mesmo tempo, fazer o homem perder, dia a dia, a noção da sua responsabilidade, como chefe da família, mantenedor da casa e servidor da esposa, em troca de tudo que ela faz pela criação e educação dos filhos, pela ordem doméstica, pelo embelezamento do lar, pela elevação espiritual do matrimônio.

⁵Ver GOELLNER, Silvana Vilodre. Bela, maternal e feminina: imagens da mulher na Revista de Educação Physica, 2003; CAMPOS, Raquel Discini de. Mulheres e crianças na imprensa paulista (1920-1940); SCHPUN, Mônica Raisa. Beleza em jogo, 1999; MALUF, M. e MOTT, M. L. Recônditos do mundo feminino, 2008.

sociais⁶ e a esporádicas apresentações de companhias de artistas em turnê. Ainda não havia escolas de dança que trabalhassem sistematicamente com o ensino técnico da dança de expressão artística⁷. A perspectiva da dança como possibilidade educativa estava vinculada ao ensino escolar, onde a dança era tematizada como atividade pertencente à educação física escolar, na atividade intitulada “exercícios físicos”.

O uso de artifícios estéticos, os cuidados com a saúde, com o corpo, com a beleza corporal, de forma geral, eram estimulados através das imagens de moda, das atrizes americanas, dos cremes milagrosos, de belas modelos ativas, esportistas, elegantes, representações exemplares para as mulheres se modernizarem e as meninas desde a infância criarem suas referências para o futuro.

Em relação à infância feminina, as meninas, futuras mulheres, precisavam de toda atenção para uma educação adequada à sua vida social. O Ministro da Educação e Saúde do Estado Novo, Sr. Gustavo Capanema, mineiro atuante na educação de seu Estado, em 1937, ao esboçar suas opiniões sobre a educação feminina e o papel da mulher na sociedade, explicita as diretrizes adotadas pelo governo sobre a educação feminina. Dizia ele:

Os poderes públicos devem ter em mira que a educação, tendo por finalidade preparar o indivíduo para a vida moral, política e econômica da nação, precisa considerar diversamente o homem e a mulher. Cumpre reconhecer que no mundo moderno um e outro são chamados à mesma quantidade de esforço pela obra comum, pois a mulher mostrou-se capaz de tarefas as mais difíceis e penosas

⁶Em relação à dança como divertimento e rito social, destaco a dissertação de Cristiane O. Pisani Martini: *Festas, bailes, partidas e contradanças: as danças de sala do Bello Horizonte de 1897 a 1936*, que tematizou as danças de salão, festas e bailes em Belo Horizonte (1897-1936). Ela apresenta um rico cenário de vocação dançante dessa cidade a partir da década de 1920. Relata: “Passou a se organizar, na cidade de Minas, bailes para todos os gostos, todos os tipos sociais, todas as mulheres e homens. (...) Os prazeres vividos por meio da dança passaram a ser inúmeros e imensuráveis. O ato de dançar se tornou algo orgânico ao povo horizontino. (...) Nem mesmo os clichês da moral e dos bons costumes da família mineira impediram que a população *chic e smart do Bello Horizonte*, do período estudado, se pusesse a bailar em duplas e nos salões, os mais diversos ritmos dançantes.” (MARTINI, 2010, p. 135-136)

⁷Segundo Arnaldo Alvarenga (2002), o primeiro curso de dança em Belo Horizonte foi iniciado em 17 de agosto de 1934, no Salão Nobre do Grupo Escolar Barão do Rio Branco, pela professora Natália Lessa, que já vinha desenvolvendo aulas de ginástica, danças clássicas, típicas e regionais e sapateado para meninas de 3 a 12 anos de idade. A primeira Escola de balé e dança clássica da capital mineira foi inaugurada no dia 15 de março de 1948, pelo professor Carlos Leite em uma sala do Diretório Central dos Estudantes.

outrora retiradas de sua participação. A educação a ser dada aos dois há, porém, de diferir na medida em que diferem os destinos que a Providência lhes deu. Assim, se o homem deve ser preparado com têmpera de teor militar para os negócios e as lutas, a educação feminina terá outra finalidade que é o preparo para a vida do lar. A família constituída pelo casamento indissolúvel é a base de nossa organização social e por isto colocada sob a proteção especial do Estado. Ora, é a mulher que funda e conserva a família, como é também por suas mãos que a família se destrói. Ao Estado, pois, compete, na educação que lhe ministra prepará-la conscientemente para esta grave missão. (Capanema, 37, série pi., *apud* Schwartzman, 2000, p. 123).⁸

A escolarização das meninas continuava assim sendo uma solução viável e propícia para atender amplamente à população e garantir a inculcação desses ideários sociais. Assim como era incumbência da mulher a responsabilidade pela conservação da família. Ainda em 1937, o projeto do Plano Nacional de Educação previa o ensino dito doméstico reservado às meninas entre 12 e 18 anos, considerado o ensino médio feminino. Gustavo Capanema defendia um tratamento especial às mulheres, que se desdobrava em dois planos: proteger a família e dar à mulher a educação adequada à sua função familiar, ou seja, educar os filhos e ser boa esposa. A educação deveria “moldar” a menina, tendo em vista sua pouca intimidade com a vida e os espaços públicos, e o já citado equilíbrio necessário a uma conduta honesta e respeitável, facilmente corrompida pelos excessos advindos da intensidade do moderno.

O corpo a ser educado e moldado, estava perante as aspirações e condições sociais e econômicas relativas às mulheres. A confiabilidade de uma escola de dança que funcionava dentro de um Grupo escolar, e o oferecimento de uma atividade corporal atinada às prescrições da educação física foi compreendida como benéfica a uma dada formação feminina. Era um conjunto de atrativos, aulas de ginástica e dança para meninas, que desde 1936, como no trecho de reportagem abaixo, atraiu as senhorinhas pertencentes à alta sociedade local:

Essas gentis senhorinhas, todas pertencentes a nossa alta sociedade, executam, com a máxima perfeição, os mais difíceis números de gymnastica, números estes que revertem em grande benefícios do corpo. Ainda hontem “O Esporte” teve a oportunidade de presenciar alguns números executados pela graciosas alunas do Curso “Nathalia Lessa”, mantido pela senhorinha Nathalia Lessa a cargo de quem esta também a cadeira de gymnastica do Grupo Escolar Barão do Rio Branco. A impressão que colhemos foi a mais agradável possível.

⁸Gustavo Capanema. Conferência proferida por ocasião do centenário do Colégio Pedro II, 2 de dezembro de 1937. GC/Capanema, Gustavo, 02.12.37, série pi., *apud* Schwartzman, 2000, p. 123.

(O ESPORTE, 19 de outubro, 1936, p.1).

Nas fontes elencadas para esta pesquisa, o ensino da dança compõe um rico conjunto de adjetivações a serem adquiridas pela prática, principalmente para as mulheres. A forma de se conseguir seus benefícios era demarcada por descrições que colocavam as alunas em sintonia com o fluxo de informações, imagens e discursos dominantes sobre as características da mulher moderna. Prescrições e orientações sobre a dança como prática corporal educativa circulavam na imprensa de abrangência social, mas principalmente na imprensa pedagógica; mais especificamente em sessões relacionadas à educação física. Orlando Rangel Sobrinho ao argumentar sobre que práticas são adequadas à educação física feminina na década de 30, enfatiza suas benesses:

A dansa apresenta todos os caracteristicos de uma gymnasticautilissima. Os saltos, o equilibrio e a estabilidade do corpo, a amplitude dos movimentos, a ampliação do thorax e a contracção das paredes do abdomen, são os elementos importantes que entram na execução da dansa. O trabalho repartindo-se por todo o corpo, activa a respiração e a circulação, dando-lhe leveza e graça.

Quando fizemos o histórico da educação physica feminina, dispensamos sempre, propositadamente, muita attenção á dansa, procurando mostrar a importância que ella teve e mereceu dos povos adiantados physica e intellectualmente.

Com os seus bellos e suaves movimentos rythmicos, a dansa educa poderosamente os sentimentos, concorrendo, tambem, para a formação de um corpo harmônico e perfeito.

O rythmo e a musica completam a dansa, emprestando-lhe precisão, encanto e uma particular attracção. (RANGEL SOGRINHO, 1930, p. 109).

Nessa e em outras concepções, a dança é uma ginástica útil, uma educação necessária, uma prática completa para o bom desenvolvimento corporal feminino desde a infância. Ginástica, exercícios, extensões e flexões contínuas para um corpo de maternidades fáceis. Essas aquisições possibilitariam saúde às mulheres para a constituição de uma família sob padrões eugênicos. Os exercícios físicos que compunham as aulas de dança, envolvendo a flexibilidade corporal, as partes do corpo consideradas importantes para procriação, eram vinculados também às práticas científicizadas da ginástica. Metodologicamente divulgada como uma prática segura, não punha em risco a feminilidade e ainda propiciava a apropriação de outras qualidades úteis como o controle dos movimentos, a graça, a disciplina e o ritmo.

Natália Lessa foi uma referencia feminina no campo da educação mineira. Mas teria sido também uma mulher, personalidade de referência para construção de uma feminilidade belorizontina? Havia uma convergência entre a feminilidade cultivada em seu curso, através da dança a sua própria trajetória como mulher?

Considerações finais

Glória Reis (2010), ao finalizar sua biografia sobre Lessa, sintetiza características da mulher e da professora, influenciada e influenciadora de ideários de feminilidade vividos em Belo Horizonte:

Natália Lessa plantou várias sementes, foi audaciosa, enfrentou preconceitos tanto em relação ao papel da figura feminina na sociedade quanto à prática da dança como atividade fim, e não um mero lazer. Criou estratégias, descobriu soluções, abriu possibilidades, deixou uma descendência e forneceu pistas para outros desbravadores. Seu pioneirismo deve ser reconhecido e sua atuação tem lugar de destaque. O fio condutor de sua história foi a inquietação que possibilitou que muitos dos sonhos de uma geração inteira se tornassem realidade. O seu percurso deixa preciosas marcas que trazem à tona muitos percalços e frustrações, mas principalmente importantes conquistas. (REIS, 2010, p. 58).

As fontes reunidas para este estudo não apresentam muitas inquietações, dificuldades ou empecilhos às propostas dessa professora ao longo de sua vida e carreira. Logicamente, ela está num cenário/cidade que nos desafia a pensar que ela desbravou espaços e os reconhecimentos conquistados, inclusive dadas as diferenças já salientadas neste texto. Sua conduta é o maior indício de que havia “regras” a serem seguidas.

Fato é que a protagonista deste estudo viveu e produziu uma tradição em relação ao ensino da dança, que marca de forma diferenciada seu papel de mulher na sociedade mineira, pois ela, iniciando seu curso de dança nos anos 30, dedicou-se a esse trabalho por 50 anos. Foi professora de gerações de meninas na capital, muitas vezes da mesma família. Seus festivais, segundo suas alunas, paravam a cidade, principalmente nos vinte primeiros anos do Curso, quando ela era a única iniciativa consolidada no ensino da dança para meninas.

Pensá-la na década de 30, aos vinte e poucos anos, solteira, iniciando um curso, dando aulas de gymnastica no Grupo Escolar, montando festivais de dança na cidade, nos leva imaginá-la uma mulher diferente da maioria das moças de sua idade. Talvez menos conhecidas, menos ativas. Pensá-la na década de 50, aos quarenta e poucos anos, solteira, sem filhos, com um curso conhecido e estabelecido, quase se aposentando do Grupo escolar, montando coreografias e festivais em diferentes estabelecimentos de educação da cidade, também nos faz imaginar ser ela uma mulher diferente da maioria das senhoras de sua idade. Diferenças advindas principalmente de sua escolha

profissional. Promotora de uma inovação na educação corporal feminina em Belo Horizonte, ela tornou-se independente e não se enquadrou a um modelo de feminilidade atrelado à missão do casamento e da maternidade. Moderna? Transgressora ou conservadora? Ou uma representante de outros tempos, nos quais as opções ou a falta delas poderiam ser aceitas?

Os discursos em circulação sobre a educação corporal feminina, a “graça” aparece como requisito necessário à composição das práticas corporais para mulheres como uma espécie de garantia da manutenção da feminilidade. A ambiência do período, os discursos e ideários em circulação sobre a educação feminina, a educação do corpo e o ensino da dança possibilitou uma leitura de motivações para a instauração de uma dada feminilidade.

Assim, em relação à capital mineira, percebemos que a dança e feminilidade se combinaram desde as primeiras iniciativas de sistematização desta prática. O ensino da dança tende a ser justificado por um conjunto de benesses, entre elas atributos femininos como a graça, a delicadeza, a beleza e saúde corporal. Aquisições importantes no cenário, coerentes com os modernos desígnios da vida social feminina. Compreendo que a dança ensinada nesse Curso foi apropriada e praticada sob a perspectiva de aquisição de conhecimentos no campo da cultura e do comportamento. Questões promotoras de uma distinção social qualificada e valorizada desde infância, para a formação da mulher mineira moderna.

Referências

Jornal O ESPORTE, 19 de outubro, 1936, p.1

REVISTA ALTEROSA, ano I, n.4, 1939, s/p.

REVISTA DO ENSINO DE MINAS GERAIS, ano VII, n. 9, 1933, p. 106.

RANGEL SOBRINHO, Orlando. Educação Physica Feminina. 1930.

SALGADO, Plínio. A mulher no século XX, 1946.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das letras, 1989. p. 143-179.

GOELLNER, Silvana V. **Bela, maternal e feminina: imagens da mulher na Revista Educação Physica**. Tese (Doutorado em Educação) Faculdade de Educação, Unicamp: Campinas, 1999.

CHAVES, Elisângela. **Uma escola de graça, saúde e beleza: Natália Lessa, a dança e a educação da feminilidade**. Belo Horizonte, 2013. 159 p. Tese (Doutorado em Educação). UFMG, Belo Horizonte, 2002.

REIS, Glória. **Natália Lessa, uma vida para dança**. Belo Horizonte, 2010.

SCHWARTZMAN, S; BOMENY, H M. B; COSTA, V. M. R. **Tempos de Capanema**. São Paulo: Paz e Terra: FGV, 2000.

LOURO, Guacira Lopes. **Mulheres na sala de aula**. In: PRIORI, Mary Del (org.). História das mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 2001. p. 443-481.

CAMPOS, Raquel D. de. **Mulheres e crianças na imprensa paulista (1920 – 1940)**. São Paulo: Unesp, 2009.